

Lição 6 — Teorias Anteriores. Alma como Essência Automotriz

TEXTO 405b32-406b14 - LIVRO I, CAPÍTULO III

TEORIAS ANTERIORES

ALMA COMO ESSÊNCIA AUTOMOTRIZ

A primeira coisa a ser considerada é o movimento. Pois talvez não seja apenas falso dizer que esta é a essência da alma, como alguns querem quando dizem que a alma é automotriz, ou é capaz de mover-se a si mesma, mas que haja movimento nela é uma impossibilidade. Já foi dito que não é necessário que tudo o que causa movimento esteja ele mesmo em movimento. Pois tudo se move de uma de duas maneiras: ou por outro, ou por si mesmo. Dizemos 'por outro' de qualquer coisa que se move por estar naquilo que se move, como os marinheiros; pois estes não estão em movimento da mesma forma que o navio. Este move-se por si mesmo, mas eles movem-se por estarem no que se move. Isto é evidente se considerarmos suas partes. Andar é o movimento próprio dos pés — e também dos homens —; mas, naquele momento, os marinheiros não andam. Sendo o movimento assim predicado de duas maneiras, voltamo-nos agora para a alma, perguntando se ela se move por si mesma e participa do movimento. §§ 68-74

Visto que há quatro tipos de movimento (local, por alteração, por aumento, por diminuição), seu movimento deve ser um destes, ou alguns, ou todos. Mas se seu movimento não é incidental, então o movimento estará nela por natureza; e se assim for, estará [em] lugar; pois todos os movimentos mencionados ocorrem em lugar. Se a essência da alma é mover-se a si mesma, estar em movimento não lhe será incidental, como no que é branco ou tem três côvados de comprimento; pois estes também participam do movimento, mas incidentalmente. Pois o que se move é o corpo no qual estes inerem; portanto, por si mesmos não têm lugar; mas a alma o tem, se de fato participa naturalmente do movimento. §§ 75-7

Além disso, se ela se move por natureza, mover-se-á também por força; e se por força, então por natureza. E seu repouso será da mesma maneira. Para onde quer que se mova por natureza, ali repousará por natureza; e da mesma forma, para onde for movida por força, ali repousará por força. Mas que tipo de movimentos e repousos forçados haverá na alma? Encontrar uma resposta não é fácil, nem mesmo imaginar uma! §§ 78-9

Novamente, se ela se move para cima, será fogo; e se para baixo, terra; pois tais são os movimentos destes corpos; e o mesmo vale para os [elementos] intermediários. § 80

Visto que parece mover o corpo, pareceria razoável [dizer] que ela o faz pelos mesmos movimentos pelos quais se move a si mesma. Se assim for, então é verdade dizer, inversamente, que assim como o corpo se move, a alma também se move. Ora, o corpo se move por mudança de lugar; logo, a alma também se moverá em conformidade com o corpo, transpondo-se o todo ou as partes. Se isto é assim, então poderia acontecer que, após deixar o corpo, ela pudesse retornar a ele. (Mas é absolutamente impossível que os mortos ressuscitem.) E seguir-se-ia que animais mortos poderiam ressuscitar. §§ 81-83

Se, contudo, ela se move por outra coisa, seu movimento será incidental; pois certamente um animal pode ser impelido pela força. Mas o que tem automovimento como de sua essência não pode ser movido por outro, salvo incidentalmente; assim como o que é bom em si ou por si mesmo não pode existir em vista de outro, ou por causa de outro.

Certamente se poderia dizer que, se a alma é movida de algum modo, é movida pelos objetos da sensação. §§ 84-5

Mas se ela move a si mesma, também está em movimento. Portanto, se todo movimento é um deslocamento do movido enquanto tal, então a alma deve ser deslocada de sua própria essência por si mesma, a menos que seu movimento seja incidental; mas [de fato] isto é um automovimento de sua essência. § 86

COMENTÁRIO DE SÃO TOMÁS

LIÇÃO SEIS

§ 68. O Filósofo começa agora a criticar as teorias que vinha relatando. Essas teorias equivalem a três afirmações sobre a alma: que ela é a fonte do movimento e do conhecimento, e que é de um modo especial incorpórea. As duas primeiras atribuições, as principais, foram predicadas da alma em sentido absoluto, como referindo-se diretamente à sua essência. A terceira, contudo, é verdadeira em um sentido e falsa em outro. Pois se a imaterialidade é tomada como predicada simples e absolutamente da alma, então a afirmação é verdadeira; pois a alma é certamente a menos material e a mais rarefeita das coisas. Mas se é predicada apenas em relação ao corpo, como se dissesse que a alma é o menos material dos corpos, então a afirmação não é verdadeira. Assim, o Filósofo trabalha apenas com as duas primeiras atribuições, a de movimento e a de conhecimento.

§ 69. Esta parte do tratado divide-se em três seções. Primeiro, Aristóteles argumenta contra os filósofos que fizeram da alma a fonte do movimento; depois, em 'Há então três maneiras', contra aqueles que a consideravam como sede do conhecimento; e, em terceiro lugar, em 'Visto que o conhecimento pertence', ele levanta a questão se o movimento, o sentir e o conhecer devem ser atribuídos à alma como a um princípio único ou a vários. A primeira destas divisões subdivide-se novamente. Primeiro, ele apresenta objeções contra a simples identificação da própria alma com uma fonte de movimento; e depois, contra uma opinião, procedente desta identificação, segundo a

qual a alma era também um número automotor. (Isto vem em 'Muito mais irrazoável'.) O argumento anterior subdivide-se ainda em, primeiro, uma crítica ao modo como esses filósofos predicaram o movimento da alma e, em segundo lugar, em 'Com mais razão se poderia', uma indagação se esta predicação poderia ter sido feita de modo diferente. Em seguida, a crítica divide-se em, primeiro, um argumento geral contra todos que disseram que a alma era a fonte do movimento; e, em segundo lugar, em 'Alguns dizem que uma alma se move', uma série de discussões particulares sobre pontos especiais. Finalmente, o argumento geral é subdividido. Primeiro, ele diz o que pretende fazer; em segundo lugar, argumenta 'em apoio de sua própria opinião'. Esta última começa em 'Visto que há quatro tipos de movimento'.

§ 70. Ele começa então observando que os filósofos estudaram a alma sob dois pontos de vista, a partir do movimento e do conhecimento. Isto está claro pelo que foi dito. E Aristóteles diz que começará pelo movimento. Ora, todos os outros que partiram deste ponto de vista tinham uma noção em comum: que tudo o que produz movimento está ele mesmo em movimento. Pensavam, portanto, que se a alma é por natureza uma causa de movimento, deve ser por sua natureza uma essência movente. Assim, inseriram movimento em sua definição, chamando-a de algo que move a si mesmo.

§ 71. Ora, aqui há dois pontos discutíveis; a própria teoria é discutível, e também o princípio no qual se baseia. O princípio pressuposto como uma verdade evidente por si mesma — a saber, que todo motor ativo está ele mesmo em movimento — não é de fato verdadeiro, como se mostra claramente no Livro VIII da *Física*, onde Aristóteles prova a existência de um motor imóvel. E quanto a isto, podemos dar aqui uma breve prova de que, se uma coisa produz movimento, não precisa estar ela mesma em movimento. É claro que, na medida em que uma coisa produz movimento, ela está em ato; e na medida em que é causada a mover-se, está em potência. (Se, então, como causadora de movimento, ela fosse movida), a mesma coisa estaria em ato e em potência sob o mesmo aspecto; o que dificilmente faz sentido.

§ 72. Mas, mesmo deixando de lado essa dificuldade, a teoria de que a alma está em movimento é discutível. Seus defensores, de fato, acrescentaram a proposição adicional de que o movimento era da essência da alma; mas Aristóteles nega ambas as partes dessa teoria quando diz: 'Pois talvez', etc. Ele coloca a questão dessa forma porque ainda não provou sua afirmação, ou seja, que não só é falso dizer que o movimento é da essência da alma (como eles implicam quando definem a alma como um automotor em ato ou potência), mas também é completamente impossível que a alma se mova de algum modo.

§ 73. Que nem tudo o que causa movimento precisa ele mesmo ser movido foi demonstrado em uma obra anterior, o Livro VIII da *Física*. Ora, em qualquer automotor, há duas coisas a considerar: a coisa que move e a coisa que é movida; e a primeira, como tal, não pode ser idêntica à segunda. Nos seres vivos, no entanto, embora a parte motora não seja movida em si mesma, falando de modo absoluto, ela é movida indiretamente. Pois há dois tipos de movimento: direto e indireto. Direto: quando uma coisa está se movendo por si mesma, por exemplo, um navio. Indireto: quando uma coisa está em repouso em si mesma, mas se move com o movimento de outra coisa que a contém, como o marinheiro a bordo do navio se move com o movimento do navio, não com o seu próprio. Assim, o navio se move diretamente e em si mesmo, mas o marinheiro apenas de modo accidental ou relativo. Isso fica claro se considerarmos que, quando algo se move em si mesmo,

suas partes estão se movendo, como ao andar, os pés fazem o primeiro movimento; mas, uma vez que o marinheiro está a bordo, isso não acontece. O movimento, então, pode ser considerado em qualquer um desses dois sentidos; mas, como os filósofos que estamos discutindo disseram que a alma é movida em si mesma, diretamente, podemos deixar de lado, por ora, a questão de saber se ela é movida indiretamente e considerar apenas se ela é diretamente afetada pelo movimento, como eles sustentavam.

§ 74. Para mostrar que a alma não se move em si mesma, Aristóteles usa seis argumentos, a respeito dos quais devemos notar que, embora possam não parecer muito convincentes, ainda assim são eficazes em relação à teoria que ele está criticando. Pois uma coisa é argumentar a simples verdade de uma questão, e outra é raciocinar contra uma teoria particular; no primeiro caso, você precisa garantir que suas premissas sejam verdadeiras; no segundo, você procede a partir do que seu adversário concede ou afirma. Por isso, quando Aristóteles critica as opiniões de outros, ele frequentemente parece usar argumentos bastante fracos. Em cada caso, ele está, de fato, destruindo a posição de seu adversário ao extrair suas consequências lógicas.

§ 75. O primeiro argumento começa em 'Visto que há quatro tipos' e pode ser enunciado como segue. Se a alma se move, seu movimento é direto (no sentido explicado) ou indireto. Se indireto, então não é da essência da alma (o que é contra a opinião deles), e a alma se move da mesma forma que a brancura ou 3 polegadas, que são qualidades acidentais que se movem apenas com a coisa que é branca ou tem 3 polegadas de comprimento, e não exigem, por si mesmas, como tais, uma posição no espaço. Mas se a alma se move em si mesma, ela se move em um dos quatro tipos de movimento: mudança de lugar, crescimento, diminuição ou alteração. O vir-a-ser e o perecer não são movimentos, a rigor, mas mudanças, porque são instantâneos, enquanto os movimentos são sucessivos. Logo, a alma terá que se mover em uma dessas quatro maneiras — de lugar para lugar; por aumento ou diminuição de tamanho; ou por alteração qualitativa. Mas, se todos esses movimentos envolvem posição no espaço, a alma estará então localizada no espaço.

§ 76. Parece haver dois pontos duvidosos nesse argumento. O primeiro é que, embora seja suficientemente claro quanto à locomoção, crescimento e diminuição, ele sugere uma dificuldade sobre a alteração. Alguns enfrentam essa dificuldade dizendo que, como apenas os corpos estão sujeitos à alteração, e todos os corpos estão no lugar, a própria alteração pode ser considerada como ocorrendo no lugar. Mas isso não segue a letra do argumento: Aristóteles diz que esse tipo de movimento está no lugar e não meramente de acordo com o lugar. Movimento no lugar é bastante diferente de movimento de acordo com o lugar; e, seguindo Aristóteles, sustento que a alteração certamente ocorre no lugar. Por si mesma, e não simplesmente por causa de seu sujeito localizado, ela está no lugar; pois, quando qualquer alteração ocorre, o agente que a produz deve se aproximar da coisa alterada; caso contrário, nada jamais seria alterado. E, como aproximar-se é um movimento local, segue-se que, aqui e agora, a causa de uma dada alteração é uma mudança de lugar.

§ 77. A segunda dificuldade é que esses filósofos, de fato, não veem nada de irracional na alma estar no lugar, uma vez que sustentam que ela se move em si mesma, absolutamente. Assim, a objeção de Aristóteles parece não atingir o alvo. A isso, duas respostas podem ser dadas: (a) que a objeção à alma estar no lugar se tornará mais clara à medida que avançarmos, e (b) que, se a alma estivesse no lugar, ela teria que ser atribuída a uma posição definida no corpo e, assim, não

seria a forma de todo o corpo. Isso reforça a objeção à alma estar no lugar.

§ 78. O segundo argumento, em 'Além disso, se se move', é este. Se a alma se move 'absolutamente' de lugar para lugar, o movimento deve ser natural para ela. Mas tudo o que pode ser movido naturalmente pode ser movido violentamente.' Ora, seu movimento natural implica uma cessação natural do movimento; e, portanto, também seu movimento forçado e violento implica uma cessação forçada do movimento. Logo, a alma pode tanto se mover quanto parar de se mover sob compulsão; o que é impossível se, por natureza, tanto seu movimento quanto sua cessação de movimento são espontâneos.

§ 79. Uma dificuldade aqui parece ser que o que se move naturalmente, de fato, não se move sob compulsão. Respondo que o que Aristóteles diz é falso falando de modo absoluto, mas verdadeiro em relação à teoria em discussão. Pois esses filósofos sustentavam que os únicos corpos que se moviam com um movimento natural eram os quatro elementos; nos quais observamos tanto o movimento natural quanto o forçado, e a cessação do movimento. Essa opinião é pressuposta pelo argumento.

§ 80. O terceiro argumento, em 'Novamente, se', é o seguinte: esses homens que atribuem o movimento primariamente à alma, e ao corpo apenas como derivado da alma, também dizem que esse movimento se deve a um ou outro dos elementos, fogo ou terra ou um dos outros. Mas, se a alma se movesse com a natureza do fogo, ela apenas subiria; se com a natureza da terra, ela apenas desceria; enquanto que, de fato, ela se move em todas as direções. Este argumento também é *ad hominem*.

§ 81. O quarto argumento vem em 'Visto que parece'. É este. Você diz que é movendo o corpo que a alma se move. Logicamente, então, segue-se que ela move o corpo por seus próprios movimentos; e, inversamente, que ela é movida pelos mesmos movimentos que movem o corpo. Mas o corpo se move mudando de posição no espaço; assim também, então, a alma. Mas, se os movimentos locais da alma afetam o corpo, a alma poderia, após deixar o corpo, entrar nele novamente. E, como é a presença da alma que dá vida ao corpo, segue-se que animais mortos poderiam, mesmo naturalmente, voltar à vida: o que é impossível.

§ 82. Contra este argumento, alguns objetaram que ele ignora a diferença entre os movimentos que afetam a própria alma e aqueles pelos quais ela move outras coisas, incluindo o corpo. Os primeiros são movimentos de desejo e vontade; não assim os segundos. Mas, em resposta, pode-se dizer que desejos, volições e assim por diante não são propriamente 'movimentos' da alma, mas 'operações'. 'Movimentos' e 'operações' são diferentes: um movimento é um ato de algo que é incompleto, enquanto uma operação é um ato de um sujeito que já possui atualidade plena. Ainda assim, o que Aristóteles diz é verdadeiro em relação à teoria em discussão; pois esta havia identificado todos os movimentos da alma com aqueles pelos quais ela move o corpo.

§ 83. Mas é verdade que, se a alma tivesse movimento local, animais mortos voltariam à vida? Bem, alguns filósofos sustentaram que a alma permeia todo o corpo, formando uma unidade com ele por meio de algum tipo de proporção, e que os dois não podem ser separados sem que essa proporção seja destruída; de modo que, no que diz respeito a essa visão, a conclusão não se seguiria. Mas ela se segue de — e é uma objeção válida contra — a opinião daqueles que dizem

que a alma está localizada no corpo como em um vaso que ela às vezes entra e às vezes deixa.

§ 84. O quinto argumento vem em 'Se ela se move' e é o seguinte. É claro que, quando algo é da essência de um dado sujeito, sua presença neste não precisa, exceto incidentalmente, ser explicada por qualquer outra coisa. Se então a alma é essencialmente móvel, ela é móvel por sua própria natureza; ela não precisa ser movida através ou por qualquer outra coisa. Mas sabemos que ela é, de fato, movida por objetos sensíveis quando sente, e por coisas desejáveis quando deseja; portanto, ela não se move por si mesma.

§ 85. Os platônicos respondem a este argumento negando que a alma seja movida por objetos sensíveis; estes, eles dizem, estão meramente envolvidos no próprio movimento da alma quando ela passa de um objeto para outro. Mas isso é falso. Como Aristóteles provou, a potência intelectual é trazida ao ato precisamente por meio dos objetos sensíveis como apreendidos; de modo que ela é movida por eles dessa maneira.

§ 86. O sexto argumento começa em 'Mas se ela se move a si mesma'. Claramente, se a alma é automotora, sua própria essência governa seu movimento. Mas, em todo movimento, a coisa que se move se afasta ou procede daquilo que a move e governa seu movimento; por exemplo, se algo é movido por uma quantidade, ele se afasta e procede desta. Se então a alma é movida por sua própria essência (como eles dizem), ela deve se afastar ou proceder de sua própria essência; o que equivale a dizer que ela causa sua própria destruição. Como poderia então ser através do movimento que a alma se torna divina e imortal, como alguns filósofos que mencionamos supuseram? Este argumento se dirige contra aqueles que não distinguiram entre movimento próprio e operação. Pois movimento implica que o que é movido se afasta da causa do movimento; mas operação é uma perfeição intrínseca ao próprio agente operante.

Revision #1

Created 4 October 2026 19:22:32 by Admin

Updated 4 October 2026 19:23:15 by Admin